

AMBIGUIDADES NAS REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO DE PERSONAGENS DA SÉRIE CAVALEIROS DO ZODÍACO

Gabriela Machado Ramos de ALMEIDA¹

Anelise Fruett MACHADO²

Universidade Luterana do Brasil (ULBRA), Rio Grande do Sul

Resumo

O artigo apresenta uma análise das representações de gênero de três personagens da Série Clássica Cavaleiros do Zodíaco: Afrodite de Peixes, Misty de Lagarto e Shun de Andrômeda. A obra televisiva convida a uma reflexão acerca dos traços comumente associados aos gêneros em função das características ambíguas destes personagens, cujos corpos e personalidades deslizam entre o que se convencionou considerar como características femininas e masculinas. A pesquisa toma como referencial teórico autores dos Estudos Culturais e dos Estudos de gênero, com o objetivo de analisar os personagens a partir de duas categorias: caracterização visual (rosto e corpo) e ações. O anime sugere um tipo de masculinidade em que, para vencer, é necessário mais do que ousadia e força física, mas uma complexa rede subjetiva de valores que inclui inclusive qualidades consideradas femininas.

Palavras-chave: Identidade de gênero; Estudos Culturais; Estudos de gênero; Cavaleiros do Zodíaco

Abstract

The paper presents an analysis of gender representations of three characters from the *Classical Knights of the Zodiac Series*: Pisces Aphrodite, Lizard Misty and Shun from Andromeda. The television series invites us to a reflection on the traits commonly associated with the genres because of the ambiguous characteristics of these characters, whose bodies and personalities slide between what are conventionally considered to be as female and male characteristics. The theoretical approach of the research is based in authors of Cultural Studies and Gender Studies, with the objective of analyzing the characters from two categories: visual and body characterization and personality traits. The anime suggests a type of masculinity in which to win, it takes more than daring and physical strength, but a complex subjective network of values that includes qualities considered feminine.

Keywords: Gender identity; Cultural Studies; Gender studies; *Knights of the Zodiac*

INTRODUÇÃO

A cultura japonesa no mundo ocidental se popularizou nas últimas três décadas, ampliando a oferta desde a culinária típica (sushi, sashimi, temaki, yakissoba, sake), artes marciais (karatê, judô, aikidô, sumô, jiu-jitsu, ninjitsu, kendô), músicas (j-pop, j-rock), histórias em quadrinhos (mangás) e até os desenhos animados (animes). Com a proliferação das redes sociais, de plataformas como o

¹ Doutora em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora do curso de Comunicação Social da Universidade Luterana do Brasil (ULBRA). Email: gabriela.mralmeida@gmail.com.

² Mestre em Educação pela Universidade Luterana do Brasil (ULBRA). E-mail: anelisefmachado@gmail.com

youtube e de eventos de exposição de *cosplayers*³, a disseminação de modelos, conceitos e filosofias japonesas se propagou, promovendo identificações e se tornando objeto de consumo também no Brasil.

Um dos pontos altos na difusão das referências japonesas para as crianças e adolescentes brasileiros foi a exibição, a partir de 1994, da *Série Clássica Cavaleiros do Zodíaco*. O anime⁴ permaneceu no ar até 1997, com altos índices de audiência na extinta Rede Manchete. A animação aqueceu o mercado infanto-juvenil no país: com média de oito pontos e picos de 15 no Ibope, chegou a superar a Globo e vendeu mais de 800 mil bonecos e 500 mil CDs⁵.

A narrativa constrói o seu universo diegético a partir de referências mitológicas e astrológicas; refere-se a deuses do Olimpo, como Atena, Poseidon e Hades e às constelações zodiacais que são representadas nas armaduras dos cavaleiros. A narrativa de aventura conta a história de cinco cavaleiros de bronze que têm como missão proteger a humanidade de ameaças malignas. Um de seus personagens principais é Shun de Andrômeda, um herói pacífico, de feições feminilizadas, voz delicada e que em muitos episódios é confundido com uma mulher. Sua armadura cor-de-rosa, com o formato de seios no peitoral, homenageia a princesa Andrômeda. A personagem destaca-se por não gostar de conflitos e tentar resolvê-los através do diálogo. Frequentemente demonstra seu afeto pelos demais cavaleiros e se revela afetivamente dependente de seu irmão mais velho, Ikki. Outros cavaleiros, como o de armadura de ouro, Afrodite de Peixes, e o de armadura de prata, Misty de Lagarto, apesar de terem papéis secundários na narrativa, são personagens que também contribuem para este estudo, devido às suas características físicas e psicológicas dúbias.

Deste modo, para além da sua popularidade, a série é um produto da cultura massiva que nos estimula a pensar a questão da identidade de gênero de forma complexificada, em função de características ambíguas de alguns dos seus personagens. O presente artigo tem como objetivo identificar aspectos das representações gênero de Afrodite de Peixes, Misty de Lagarto e Shun de Andrômeda, a partir de duas categorias: caracterização visual (rosto e corpo) e ações, tomadas aqui como atos perpetrados pelos personagens em face a

³ Abreviação de *costume play*, que define o ato de vestir-se a caráter como um personagem.

⁴ Expressão originada do estrangeirismo *animation* e utilizada para denominar séries de desenho animado japonesas.

⁵ Fonte: Edição 1366 da Revista VEJA, 16 de novembro de 1994. Disponível em: <https://www.cavzodiaco.com.br/revista_veja>. Acesso em 02/09/2015.

determinadas expectativas que são construídas histórica e socialmente em torno do que seriam comportamentos associados aos gêneros.

A pesquisa tem como ótica os Estudos Culturais e os Estudos de gênero, buscando estabelecer conexões entre as contribuições de Stuart Hall sobre identidade e representação e os escritos de Judith Butler, Joan Scott e Guacira Louro sobre gênero e sexualidade. Segundo Hall, o declínio das velhas identidades que estabilizavam o mundo social oportunizou o surgimento de novas identidades, as quais fragmentaram o indivíduo moderno, até então visto como unificado. A mudança de paradigma vem abalando o quadro de referência nos quais sujeitos se ancoravam no mundo social (HALL, 1992). Numa modesta medida, personagens como Shun de Andrômeda, Afrodite de Peixes e Misty de Lagarto surgem neste cenário como objetos empíricos possíveis para estudos que visam abordar de forma mais profunda o entendimento sobre as identidades de gênero na atualidade.

A representação dos gêneros, assim como as identidades, sofre transformações contínuas⁶. A ideia tradicional de que o homem e a mulher possuem papéis sociais definidos acaba sendo diretamente abalada neste contexto. Para compreender os gêneros na contemporaneidade, torna-se necessário desapegar-se de argumentos que busquem limitar o seu entendimento a meras diferenciações biológicas. Segundo Louro (1997, p. 21), “a forma como essas características (sexuais) são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou se pensa sobre elas que vai constituir, efetivamente, o que é feminino ou masculino em uma dada sociedade e em dado momento histórico”.

A abordagem deste estudo será realizada através de uma pesquisa qualitativa de caráter analítico-interpretativo, tendo como referência a análise da imagem conforme formulada por Martine Joly (1994). Os dados serão colhidos na versão adaptada e dublada da *Série Clássica Cavaleiros do Zodíaco* que se encontra

⁶ Um espaço relevante para esta discussão têm sido eventos como o Seminário Internacional Desfazendo Gênero e o Seminário Internacional Fazendo Gênero, promovidos com o objetivo de consolidar caminhos, no âmbito institucional da pesquisa acadêmica, para a abordagem de diferentes perspectivas teóricas, conceituais e metodológicas relacionadas às questões de gênero e sexualidade. Ao mesmo tempo, pode-se observar que por todo o país uma série de movimentos sociais como a Marcha das Vadias, Parada Gay e a própria conquista do direito ao casamento homoafetivo também vêm fortalecendo uma discussão paralela à perspectiva dicotômica de gêneros. O ativismo LGBT tem colaborado com a quebra de paradigma. O que antigamente era visto como objeto de censura, hoje é explorado pela TV aberta. A dissertação *Bicha (nem tão) má: representações da homossexualidade na telenovela Amor à Vida* (SILVA, 2015) é um exemplo de como o campo de comunicação também vem se apropriando cada vez mais das discussões sobre gêneros e sexualidade a fim de fomentar questionamentos acerca da diversidade.

disponível no *youtube*⁷. Devido ao enfoque do estudo, será priorizada a análise de três personagens cuja representação genérico-sexual nos interessa especialmente⁸. É importante ressaltar que o presente artigo tem como referência o olhar ocidental da pesquisadora sobre o recorte (produto da cultura popular oriental). Portanto, busca-se neste estudo compreender aspectos do orientalismo (SAID, 1996), tendo em vista que a *Série Clássica Cavaleiros do Zodíaco* é uma produção japonesa que explora imagens mentais ocidentais, como a mitologia grega e a astrologia.

IDENTIDADE, GÊNERO E SEXUALIDADE: COMPLEXIDADES HUMANAS

Esta seção é composta por três temas que se inter-relacionam para fornecer subsídios teóricos à análise posterior dos personagens Afrodite de Peixes, Misty de Lagarto e Shun de Andrômeda. Serão discutidas aqui as questões de identidade, gênero e sexualidade que nortearão a posterior análise de *Cavaleiros do Zodíaco*. Neste primeiro momento, abordamos de forma teórica os três conceitos mencionados, buscando ensaiar uma relação com o universo empírico da pesquisa. As discussões apresentadas têm como objetivo trabalhar as perspectivas de identidade, gênero e sexualidade como conceitos que estão em construção, distanciando-se do propósito de apontar verdades absolutas sobre o que são ou que deixam de ser, e tendo como finalidade acrescentar compreensões teóricas sobre seus possíveis significados na contemporaneidade.

É fundamental, no entanto, mencionar que tomamos as contribuições de Douglas Kellner em *A Cultura da Mídia* (2001) como pano de fundo para pensar nas relações entre identidade, gênero e sexualidade atravessadas por uma dimensão midiática, pois pensamos a cultura da mídia, à luz do autor, como “um terreno de disputa que reproduz, em nível cultural, os conflitos fundamentais da sociedade, e não como instrumento de dominação” (KELLNER, 2001, p. 134).

Partiremos do conceito de identidade defendido por Stuart Hall, que leva em consideração uma das principais características para a fundamentação deste estudo: seu caráter instável. Aquilo que em um determinado momento pode apresentar-se como um elemento significativo para a identificação de sujeitos poderá modificar-se

⁷ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=365H_42fso8>. Acesso em: 01/09/2015.

⁸ No entanto, é importante mencionar que *Cavaleiros do Zodíaco* também pode se prestar a discussões referentes às questões raciais e etnográficas, especialmente em função da inexpressiva representação de personagens femininos, LGBT e negros na narrativa.

conforme o passar do tempo por inúmeras vezes. Como Hall (1992) define, a identidade torna-se uma “celebração móvel”, que se transforma continuamente com relação às formas pelas quais somos representados nos sistemas culturais que nos cercam, o que nos leva a refletir sobre a relevância do contexto histórico, social e cultural para a compreensão da identidade de um indivíduo.

Tanto as produções simbólicas quanto nossas relações interpessoais podem ser um estímulo para a metamorfose. Mas é a partir de um filtro subjetivo (BARBERO, 2009) que são mediados os conteúdos com os quais os sujeitos se identificam na tevê, na internet, nas revistas, jornais ou na exposição social. Com este filtro são feitas combinações e recombinações daquilo que faz sentido no universo interno e externo do sujeito.

Considerando-se, especialmente, a amplificação dos discursos em favor de grupos minoritários nas mídias na última década, que popularizaram discussões sobre temas envolvendo as mulheres e as populações LGBTQs e negras, como o feminismo, o racismo e a homofobia, torna-se compreensível que determinadas agendas passem a fazer parte das relações sociais de forma mais presente:

A centralidade das mídias neste processo ultrapassa o seu papel de ambiente de veiculação destas disputas - na forma, por exemplo, de notícias publicadas ou da consolidação da internet como lugar para expressão e afirmação identitária de sujeitos vinculados a grupos minoritários - transformando a própria produção simbólica que delas se origina em espaço de demanda por diversidade e qualidade nas representações produzidas. (SZEZECINSKI, ALMEIDA, 2017)

Embora a série analisada nesse artigo seja anterior ao cenário descrito acima (afinal, foi produzida e veiculada no Brasil na década de 1990), a recente disseminação das discussões envolvendo gênero e sexualidade, tanto nas mídias quanto no campo acadêmico, de algum modo explicam o desejo por olhar *Cavaleiros do Zodíaco* a partir dessa perspectiva.

Os super-heróis, frutos da cultura midiática, são objetos bastante analisados pelas pesquisas no campo da Comunicação. Isto dá-se pelo entendimento de que “não há imagens como representações visuais que não tenham surgido de imagens na mente daqueles que as produziram, do mesmo modo que não há imagens mentais que não tenham alguma origem no mundo concreto dos objetos visuais” (SANTAELLA e NÖTH,

1998, p. 15). Os antigos padrões de guerreiros que eram disseminados transmitiam modelos de masculinidade os quais convencionavam que eram funções do homem ser forte e viril, expondo como inadequados os comportamentos divergentes dos modelos padrões. Segundo Hall:

Um tipo de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. (HALL, 1992, p. 9)

O processo contínuo de modificações de ideais que Hall destaca vem desestabilizando o quadro de referências nos quais os sujeitos ancoravam suas identidades. A noção de que era possível controlar e estabilizar as identidades com modelos sociais vem sendo cada vez mais desmistificada com o crescente número de estudos sobre identidade de gênero, sexualidade e etnia. O “descontrole” ou descentralização pode ser observado como um processo que fortalece a miscigenação cultural. As trocas de significados, representações, filosofias entre sociedades historicamente distintas auxiliam nesta mudança estrutural.

Lidar com os constantes estímulos à diversidade em muitos momentos torna-se desafiador. A sensação de que o pertencimento a um grupo depende da sua adaptação a uma lógica que restringe para incluir interfere diretamente na escolha do filtro subjetivo que forma a identidade do indivíduo. Neste cenário, a moderação torna-se em muitos momentos um mecanismo de autocensura e repreensão, pela ideia de que as identificações escolhidas possam não estar de acordo com o sistema ao qual se deseja pertencer. Para Paes:

Os índios e outras minorias transformam seus tradicionais meios de vida para se sentirem inseridos neste mundo que gira e funciona sob o eixo da informação, provocando mudanças na configuração de suas identidades. Neste aspecto, ao tratar da questão da construção de identidades, Hall (1997) se mostra perspicaz ao observar: [...] o que denominamos de “nossas identidades” poderia provavelmente ser melhor conceituado como as sedimentações através do tempo daquelas diferentes identificações ou posições que adotamos e procuramos “viver”, como se viessem de dentro, mas que, sem dúvida, são ocasionadas por um conjunto especial de circunstâncias, sentimentos, histórias e experiências única e peculiarmente nossas, como sujeitos individuais. (PAES, 2003, p. 26)

O sujeito “composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não-resolvidas” (HALL, 1992, p. 12) vem sendo observado por diferentes óticas a fim de compreender de forma mais aprofundada as problemáticas sociais contemporâneas. A diversidade de gêneros e principalmente a colisão entre identificações opositoras são cenários descritos por Hall como período de crise de identidade (HALL, 1992). A noção de que na contemporaneidade vivemos um conflito interno de ideais passa tanto pelas questões do anseio (ou ansiedades) causados pela instabilidade das práticas sociais, quanto pelas quebras das tradições (convenções) culturais.

Farias e Nobre (1997) argumentam que características consideradas do sexo oposto estão presentes em todas as pessoas. Elas apenas são valorizadas de formas diferentes, variando conforme seu contexto social, por exemplo: “nos espaços políticos, tradicionalmente masculinos, é comum as mulheres serem cobradas a deixarem um pouco de lado a sua feminilidade e demonstrarem características compatíveis com o modelo estabelecido” (FARIAS e NOBRE, 1997, p. 32 e 33).

O encontro de identificações do universo masculino com o feminino e vice-versa é uma característica que pode ser compreendida como uma adaptação que os sujeitos contemporâneos vêm sofrendo para administrar suas zonas de poder. A instabilidade das identidades sociais como um todo oportuniza a descoberta de outras significações (não necessariamente novas) que muitas vezes foram suprimidas por determinados hábitos que são impostos de forma silenciosa pelas práticas sociais restritivas. Há de se observar que estas práticas não são propriamente de um ou outro sujeito que tenta persuadir os grupos a se fechar em categorias excludentes, mas possivelmente o reflexo de uma herança primitiva, como nas tribos ou clãs, que para distinguir-se dos adversários precisavam unificar sua forma de vestir, pensar, agir.

Os questionamentos acerca dos gêneros em muitos momentos se revelam complementares aos estudos das identidades. Partimos da visão de que o gênero é uma construção cultural, não sendo, portanto, um conceito que se fixe ao sexo biológico (BUTLER, 2015). A concepção de sexo binário (masculino e feminino) que estabilizava os sujeitos vem sendo questionada sob diversas perspectivas que encontram, em sua maioria, referências nos estudos sobre feminismo.

Segundo Butler (2015, p. 12) “o gênero pode ser compreendido como um significado assumido por um corpo (já) diferenciado sexualmente; contudo, mesmo

assim esse significado só existe em relação ao outro significado oposto”. No entanto, para compreender de forma aprofundada o que esta “oposição” representa, primeiramente buscaremos distanciamento da superfície das contestações biológicas ou anatômicas que dentro do senso comum definem o que são os gêneros.

O determinismo social ou “compulsão cultural” (BUTLER, 2015) fundamentou na humanidade por séculos a certeza de que, ao nascermos com a anatomia de uma mulher, obrigatoriamente teríamos que corresponder ao comportamento genérico feminino. O diferente tornava-se objeto de preconceito e exclusão social, como se não houvesse alternativa a não ser seguir o modelo já experimentado socialmente.

A subversão e a transformação deste entendimento incontestável possibilitaram múltiplas compreensões sobre as formas de representação contemporâneas dos gêneros. Neste contexto, Butler (2015, p. 30) explica que “o corpo aparece como um meio passivo sobre o qual se inscrevem significados culturais, ou então como instrumento pelo qual uma vontade de apropriação ou interpretação determina o significado cultural por si mesma”.

Em outras palavras, o corpo é compreendido como veículo (meio) pelo qual transitam de forma não-fixada as inúmeras combinações de identificações que podem compor um gênero. Conforme visto anteriormente a respeito das identidades instáveis, estas identificações podem revelar-se em muitos momentos contraditórias – em outra perspectiva, plurais – e diferentes do modelo tradicional.

Na perspectiva de Louro (2003, p. 23), os gêneros se constroem no âmbito das relações sociais: “Observa-se que as concepções de gênero diferem não apenas entre sociedades ou momentos históricos, mas no interior de uma dada sociedade, ao se considerar diversos grupos (étnicos, religiosos, raciais, de classe) que a constituem”.

A representação da sexualidade na pós-modernidade é um tema que possui conexão direta com as questões discutidas anteriormente. Por muito tempo, ela apresentou-se como uma área da pedagogia regularizadora das práticas sociais, a qual parece querer ensinar sobre os modelos desejáveis de masculino e feminino. Esta visão fomentou um inconsciente coletivo pré-conceituado na ideia de que existem comportamentos adequados aos sexos biológicos e que os mesmos estão conectados aos gêneros. Nos acostumamos a ver com estranhamento toda representação subversiva ao modelo tradicional, fortalecendo a cultura da exclusão de representações da diversidade. Segundo Louro, as afirmativas “É uma menina!” ou “É um menino!” são mais do que descrições, são decisões que tomamos sobre um corpo:

O ato de nomear o corpo acontece no interior da lógica que supõe o sexo como um “dado” anterior à cultura e lhe atribui um caráter imutável, a-histórico e binário. Tal lógica implica que esse “dado” sexo vai determinar o gênero e induzir a uma única forma de desejo. Supostamente, não há outra possibilidade senão seguir a ordem prevista. (LOURO, 2015, p. 16)

Tanto a sexualidade, quanto a identidade e o gênero carregam consigo o estigma da inconstância. São propriedades deslizantes, subjetivas, carregadas de referências históricas e culturais (LOURO, 2015), que se adaptam constantemente ao meio em que vivem. Fomos ensinados a sentir medo de todas as incertezas e buscar como sinônimo de felicidade a estabilidade (social, psicológica e financeira). Encaramos com anseio estruturas insolentes e imprevisíveis, por desconhecimento de sua força, pelo poder de se reconstruir inúmeras vezes e de não sabermos como desconstruí-las (ou destruí-las).

Seguindo nesta mesma linha de raciocínio, Louro explica que a “matriz heterossexual” é um dos fatores que ditam os padrões e ao mesmo tempo, paradoxalmente, fornecem subsídios para as transgressões: “É em referência a ela [matriz heterossexual] que se fazem não apenas os corpos que se conformam às regras de gênero e sexuais, mas também os corpos que as subvertem” (LOURO, 2015, p. 17).

Zago complementa que a heterossexualidade compulsória é produto e efeito das relações de poder e define o mecanismo da sexualidade como um dispositivo, que “ao invés de proibir e negar, incita discursos, gere a vida e estimula a produção de corpos coerentemente sexuados, generificados e sexualizados” (ZAGO, 2013, p. 31). As perspectivas apontadas são um ensaio para a posterior análise dos personagens Afrodite de Peixes, Misty de Lagarto e Shun de Andrômeda, a qual será apresentada na seção seguinte.

UM OLHAR AO UNIVERSO COMPLEXO DE CAVALEIROS DO ZODÍACO

Masami Kurumada é o detentor da marca *Cavaleiros do Zodíaco*, responsável pela criação dos primeiros roteiros e desenhos. Segundo informações do site oficial de

Kurumada⁹, o primeiro mangá¹⁰ da Obra Original¹¹ foi publicado no Japão em janeiro de 1985. Em 1986, a *Toei Animation*, empresa que comprou os direitos de animação da marca, exibiu na tevê japonesa a primeira temporada da *Série Clássica Cavaleiros do Zodíaco*, a qual é inspirada na versão do mangá. Somente 12 anos depois o anime chegou ao Brasil, sendo veiculado pela primeira vez na extinta Rede Manchete; posteriormente, em 2003, no canal de tevê fechada *Cartoon Network*; de 2004 a 2011, na Rede Bandeirantes e em 2006 na ULBRA TV.

A *Série Clássica Cavaleiros do Zodíaco* é composta por 114 episódios, divididos em três temporadas: *Saga do Santuário* (73 episódios), *Saga de Asgard* (25 episódios) e *Saga de Poseidon* (39 episódios). O estúdio Gota Mágica foi o responsável pela adaptação e dublagem no Brasil. O fato de a empresa não ter se baseado na versão original japonesa (e sim em uma adaptação/dublagem espanhola, que por sua vez se baseou na adaptação/dublagem francesa) explica os inúmeros problemas apresentados na versão exibida na Rede Manchete, os quais foram corrigidos após redublagem dos estúdios Álamo, que foi exibida no canal fechado *Cartoon Network* em 2003.

A saga¹² *Cavaleiros do Zodíaco* é um produto japonês que mistura aspectos da cultura oriental com a cultura ocidental. As motivações dos personagens envolvem valores da cultura oriental, como honra e bravura. Entretanto, há uma mistura entre elementos simbólicos presentes na cultura ocidental, os quais são expressos através das feições e ambiguidades dos personagens. Em entrevista¹³, Masami Kurumada comenta sobre a origem da sua obra:

Todas as histórias que faço são de luta. Essa essência não se altera nos mundos que crio. A única diferença está no tempero, no algo mais. Então, em vez dos personagens se transformarem como os super-heróis da TV, pensei neles vestindo armaduras. As armaduras precisavam ser bonitas, e aproveitar a Mitologia Grega e a Astrologia dava mais força à idéia. Portanto, peguei uma boa história de luta, adicionei um elemento mais *fashion* – que são as armaduras –

⁹ Disponível em: <kurumadapro.com> Acesso em: 11 de novembro de 2015.

¹⁰ Histórias em quadrinhos de origem japonesa que se possuem diversos gêneros. *Cavaleiros do Zodíaco* pertence ao gênero *Shonen*, que narrativas são com o público-alvo masculino. Disponível em: <http://www.historiaimagem.com.br/edicao12abril2011/esteticamanga.pdf>

¹¹ A Obra Original é composta pela *Saga do Santuário*, *Saga de Poseidon* e *Saga de Hades*.

¹² Segundo Eco (1989), “a saga é uma sucessão de eventos, aparentemente sempre novos, que se ligam, ao contrário da série, ao processo histórico de um personagem, ou melhor, a uma genealogia de personagens. Na saga os personagens envelhecem, a saga é uma história de envelhecimento (de indivíduos, famílias, povos, grupos)” (1989, p. 125).

¹³ Entrevista publicada na Revista Henshin, Editora JBC, Ano 2002, páginas 14 a 21. Disponível em: <<https://covildoorc.wordpress.com/2010/02/03/entrevista-com-masami-kurumada>> Acesso em: 07 de novembro de 2015.

e como base para os desenhos delas, adotei as constelações. O legal disso é que também seria possível identificar o signo como a caracterização dos personagens e fui desenvolvendo as idéias dessa maneira. (2002)

Segundo Peret (s/d)¹⁴, algumas das características marcantes da linguagem dos mangás e animes são “o tamanho e formato dos olhos; a proporção entre cabeça, corpo, braços e pernas; os artifícios de imagem usados para dar expressão emotiva aos personagens”. Estas informações imagéticas são códigos próprios do estilo de desenho japonês que auxiliam na compreensão de que os animes são interpretações japonesas de aspectos da cultura ocidental. A reprodução de signos ocidentais pode ser observada por diversas óticas, uma delas é a expansão do mercado de mangás e animes para o ocidente, e ao mesmo tempo a diferenciação das histórias em quadrinhos norte-americanas.

Braga Júnior (2011) destaca a preocupação com as expressões faciais e corporais, que interferem na construção dos personagens: “Cortes, formas, volumes, tamanhos são executados ao extremo. Existe, portanto, uma grande preocupação com a cabeça dos personagens e suas vestes que sempre são bem trabalhadas, nos mínimos detalhes.”

Outra questão que deve ser observada é que tanto os mangás quanto os animes exploram a expressão corporal e os aspectos psicológicos de seus personagens. Mesmo que uma produção tenha como público-alvo jovens do sexo masculino, como é o caso de *Cavaleiros do Zodíaco*, ela poderá apresentar traços diversos que tenham como finalidade outros segmentos de público, como afirma Schmaltz Neto:

Apresentando-nos um corpo outro, diferente daquele das formações discursivas a que estamos acostumados, o animê instiga questões moralmente discutidas em todos os campos de controle Ocidental e que no Japão são explícitas ou admiradas: androginia, bissexualidade, pedofilia e voyeurismo (SCHMALTZ NETO, 2013).

A narrativa de aventura apresenta como personagem protagonista o Cavaleiro de Pégasus, Seiya¹⁵. A situação dramática em que se inicia o primeiro episódio da *Série Clássica Cavaleiros do Zodíaco* apresenta os guerreiros como lendas,

¹⁴ Sem data indicada. Artigo publicado no link http://www.elo.uerj.br/pdfs/ELO_Ed4_Artigo_animemanga.pdf. Acesso em 12 de novembro de 2015.

¹⁵ O nome original do anime *Saint Seiya* é inspirado no personagem. Na tradução para o Brasil, o desenho recebeu o nome de *Cavaleiros do Zodíaco*.

heróis míticos que despertariam para proteger a humanidade das forças malignas. O universo diegético da narrativa se passa na Terra, em diferentes países, com referências claras à Grécia.

Nesta seção, que apresenta uma análise destes três personagens, serão observados alguns episódios em que cada um dos três cavaleiros se destaca, levando em consideração que Shun de Andrômeda possui maior atuação na narrativa que os demais e, por este motivo, terá maior número de episódios analisados.

A análise se baseia na proposta metodológica sugerida por Martine Joly (1994), que propõe, num primeiro momento, uma descrição capaz de traduzir a percepção visual em linguagem verbal; num segundo momento a reprodução do texto que acompanha a imagem e, num terceiro momento, a separação de análise de três tipos de mensagens possíveis: plástica (elementos visuais que compõem a imagem, como ângulo, composição, suporte, formas, cores), icônica (figurativa, a partir das quais surgem conotações decorrentes de interpretações baseadas em significados culturais pré-estabelecidos) e linguística, que visa inferir as funções do texto na mensagem.

ESTRANHOS NO NINHO

Três cavaleiros destinados a lutar contra as forças malignas para proteger a deusa Atena, e conseqüentemente a Terra. Três corpos repletos de significados, traços ambíguos, que oscilam entre o que nós (ocidentais) conhecemos como referências masculinas e femininas. Os personagens apresentados a seguir são imagens que se sobressaem na *Série Clássica Cavaleiros do Zodíaco*. Provocam estranhamento e intimidam, por suas características físicas e psicológicas serem complexas e instáveis.

Afrodite de Peixes é um dos 12 cavaleiros de armadura de ouro, que na diegese habita o templo da deusa Atena, no Santuário da Grécia, e é um dos guerreiros mais próximos de Atena. Misty de Lagarto é um dos 24 cavaleiros de armadura de prata. Somente os cavaleiros de ouro possuem local fixo na aventura. Misty é um personagem que tem uma pequena aparição na *Série Clássica Cavaleiros do Zodíaco*, entretanto, protagoniza uma das cenas mais ricas para a análise aqui proposta, na qual pode ser observada claramente a intenção do autor em impactar o espectador com a exibição do personagem nu, envolto em sombras e com uma silhueta que parece indefinida.

Já Shun de Andrômeda é um dos 52 cavaleiros de armadura de bronze. Ele é do grupo dos personagens principais (composto por Seiya de Pegasus, Shiryu de Dragão, Hyoga de Cisne e Ikki de Fênix). O grupo é apresentado como “cavaleiros da esperança”, por ter como missão elucidar os demais cavaleiros sobre uma farsa que acontecia no Santuário de Atena e poderia custar à deusa a perda do seu poder. Shun é um personagem emblemático na narrativa, por sua função de se sacrificar por seus companheiros.

UM MARAVILHOSO GUERREIRO, AFRODITE

O personagem Afrodite de Peixes é um herói que em seu próprio nome já confronta a leitura convencional de representação do masculino. Na mitologia grega, a deusa Afrodite simboliza o amor, a beleza corporal e o sexo. A analogia instiga-nos a pensar sobre o significado deste subtexto, já que em *Cavaleiros do Zodíaco* o personagem é um homem.

Na série, Afrodite tem aproximadamente 22 anos, nacionalidade sueca, mais de um metro e oitenta de altura, cabelos longos azuis, corpo atlético e feições que em determinados enquadramentos ressaltam delicadeza em seus olhos azuis e traços delicados. Em um primeiro olhar, Afrodite é um personagem enigmático e que facilmente pode ser alvo de rotulações superficiais, que priorizem o entendimento de que há uma atuação fixa de papéis masculinos e femininos.

Sua caracterização corporal é composta pela armadura de ouro da constelação zodiacal de peixes, e o desenho da sua vestimenta remete à imagem de escamas de peixes. Sua forma de ataque é o lançamento de três tipos de rosas mágicas: Rosa Diabólica Real - rosas vermelhas que liberam uma fragrância letal; Rosa Sangrenta - rosas brancas que perfuram o coração do adversário e sugam seu sangue; Rosa Piranha - rosas pretas que têm o poder de desintegrar o adversário.

A partir de seus golpes, pode-se observar que Afrodite é um personagem sedutor e violento, com comportamento forte, porém também oscilante. No episódio 68 (*Um maravilhoso Guerreiro Afrodite*), Seiya e Shun vão à Casa de Peixes para enfrentar Afrodite, que lutaria contra os guerreiros para defender o falso Mestre do Santuário (que na verdade era Saga, o cavaleiro ouro de gêmeos). Na cena, Afrodite é descrito da seguinte forma:

Mestre (Saga): O cavaleiro de ouro que defende a última das doze Casas, a Casa de Peixes, é o cavaleiro mais formoso dos 88 combatentes. É um guerreiro de muito brilho e muito orgulho entre o

céu e a terra... Qualquer um esperaria que ele não fosse tão forte por causa de sua beleza, mas ao contrário, ele é o cavaleiro mais temível.



Figura 1: Detalhes da cena em que Afrodite aparece na Casa de Peixes para lutar contra Seiya e Shun.

(Impressão de tela da *Série Clássica Cavaleiros do Zodíaco*)

Há um conjunto de códigos que compõem a cena acima: a rosa, os cílios e a boca em destaque (parecendo que há uma maquiagem, um batom cor-de-rosa); o movimento esvoaçante dos cabelos; as flores ao fundo do cenário e os enquadramentos que favorecem uma sensualidade no personagem. Cada elemento carrega consigo um significado: a rosa é um aspecto que, na série, está diretamente relacionado às ações de Afrodite e ligadas, ao mesmo tempo, à beleza e à temeridade – afinal, a rosa é a sua arma. A flor possui pétalas delicadas e espinhos em seu caule, que simbolizam uma dualidade, assim como o personagem, que apresenta uma imagem delicada e sensual, mas que por trás tem um comportamento frio e violento.

Além disso, as múltiplas interpretações que o desenho nos permite ter a respeito da elaboração da constituição de gênero do personagem reforça a ideia da compulsão cultural, definida anteriormente por Butler. Nossas referências ocidentais heteronormativas nos fazem, em um primeiro olhar, interpretar Afrodite como personagem que confronta o modelo tradicional de masculinidade, por guardar feições femininas e não manifestar sexualidade definida. É importante ressaltar, inclusive, que a *Série Clássica Cavaleiros do Zodíaco* não informa explicitamente a sexualidade dos personagens, como nos lembram Wagner e Bonin:

Todos os personagens masculinos da série são identificados como heterossexuais. Não há, no enredo, representações de homossexualidade, o que não impede que se produzam entendimentos diferenciados de masculinidade, constituídos, por exemplo, em personagens que se apresentam como desviantes, assumindo comportamentos semelhantes àqueles identificados como femininos. (WAGNER e BONIN, 2008)

O fato de que somos seres decodificadores de significados, absorvidos através de experiência, nos leva a compreender o mundo conforme nosso filtro subjetivo e nossas referências culturais. Conforme Zago (2013, p. 31), a sexualidade é como um dispositivo que “estimula a produção de corpos coerentemente sexados, generificados e sexualizados”. É como se Afrodite acionasse esse dispositivo em nosso olhar, chamando a atenção para outra masculinidade possível.

MISTY DE LAGARTO: UM ANJO DA MORTE

Misty (do inglês “nevoeiro”) de Lagarto (réptil semiaquático de cauda longa e pálpebras móveis) é um personagem de pouca aparição na *Série Clássica Cavaleiros do Zodíaco*. Contudo, protagoniza uma das cenas mais polêmicas do anime. Na narrativa, o personagem tem aproximadamente 16 anos, nacionalidade francesa, um metro e oitenta de altura, cabelos loiros compridos, olhos azuis e corpo magro com silhueta marcada. Sua armadura de prata tem pontas que lembram as escamas de um lagarto e pedras preciosas na tiara e no cinto. Misty usa por baixo da armadura uma roupa rosa, e por cima uma capa com um lado externo rosa e o interno vermelho.

Seu poder envolve criar uma barreira de ar que possa defendê-lo de seus adversários, mantendo-os bem longe de si. Suas ações e gestos têm traços marcadamente vaidosos e maníacos: o personagem se preocupa-se excessivamente com a preservação de seu corpo, ficando temperamental quando se sente sujo. No

Episódio 23 (*Misty de Lagarto - Um anjo da morte*), após lutar contra Seiya, Misty banha-se no oceano, enojado com um respingo de sangue que atingiu seu corpo. Ele diz, na cena:

Misty: Maldição, este sangue... Estou imundo, vou me lavar no oceano. Quando meu corpo está sujo a minha alma também está.



Figura 2: Cena em que o sangue de Seiya atinge Misty após uma luta.
(Impressão de tela da *Série Clássica Cavaleiros do Zodíaco*)

Um dos códigos que se evidenciam na cena é a cor rosa, tanto em sua pele quanto em detalhes de sua roupa. Este elemento marcante da caracterização do personagem é um dado extremamente codificado na cultura ocidental: desde o nosso nascimento, somos induzidos à noção de que o rosa representa o sexo biológico feminino, assim como o azul o masculino.

O olhar e os lábios do personagem também se destacam, assim como no personagem Afrodite. No entanto, suas expressões são diferentes: Misty é um personagem vaidoso, obcecado por sua própria imagem, egocêntrico, narcisista. Seu olhar é para si, enquanto o olhar de Afrodite é para os outros. Em sequência à cena da figura 2, acontece a seguinte fala do personagem que reforça a ideia apresentada:

Misty: Meu deus todo poderoso, como eu sou bonito, como eu sou forte, mais do que qualquer outra coisa na Terra... A lua, as estrelas, o sol brilhante são insignificantes diante de mim. Nada é mais bonito do que eu...



Figura 3: Cena em que Misty de Lagarto banha-se em mar após se sujar de sangue em luta contra Seiya. (Impressão de tela da *Série Clássica Cavaleiros do Zodíaco*)

Na cena, Misty fica nu e sua região genital aparece indefinida na imagem, entre sombras e reflexos que revelam o seu corpo de forma poética, sutil e não explícita. A imagem é bastante erotizada, sensual, entretanto o personagem não exerce sua sexualidade na série, sugerindo uma tensão. O movimento de sua mão ao alisar o cabelo, a silhueta acinturada, o destaque da musculatura do seu busto, a pose de seu corpo e a própria luz do sol que ajuda a encobrir seu sexo são códigos que favorecem uma interpretação ambígua da cena. O olhar automaticamente procura códigos que o definam como sendo uma coisa ou outra, masculino ou feminino, mas encontra signos tanto de um quanto de outro.

SHUN, O COELHO QUE SE ATIRA NO FOGO

Na narrativa, Shun de Andrômeda é um menino de 13 anos, nacionalidade japonesa, um metro e sessenta e cinco de altura, cabelos compridos verdes, olhos castanhos e corpo esguio. A formação genealógica de *Cavaleiros do Zodíaco* descreve Shun de Andrômeda como um dos filhos adotivos do senhor Mitsumasa Kido, um arqueólogo que recebeu a tarefa de proteger a reencarnação de Atena e auxiliar na formação dos cavaleiros guardiões do santuário da deusa.

No processo de formação dos guerreiros, houve um sorteio para a escolha do lugar onde cada um iria para encontrar a sua armadura. Shun recebeu um dos mais perigosos lugares para ir, a Ilha da Rainha da Morte. Sensibilizado, Ikki, seu irmão mais velho, se ofereceu para ir em seu lugar, e Shun foi à Ilha de Andrômeda, local que havia sido destinado originalmente a seu irmão.

Na Ilha de Andrômeda, Shun precisou passar por um teste de resistência, permanecendo acorrentado e resistindo até o fim, para ser digno de receber a

armadura de Andrômeda. As armaduras têm origem mitológica, e a de Shun refere-se ao mito da princesa Andrômeda, que se sacrificou para acalmar a fúria do Deus Poseidon¹⁶. No enredo, Shun é um guerreiro que carrega o emblema, o subtexto, de seguir o destino de sua constelação, que é sacrificar-se pelo bem dos demais.

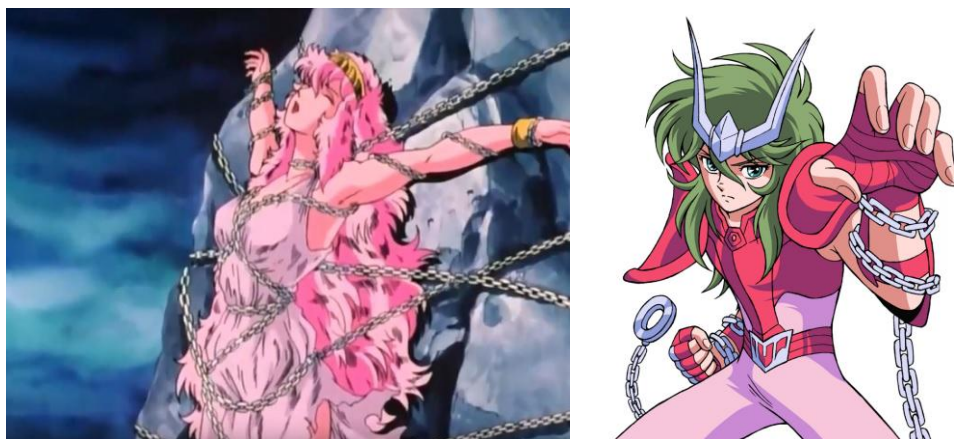


Figura 4: Imagem da Princesa Andrômeda, que é homenageada pela armadura de Shun (esq.) e imagem de Shun com sua armadura (dir.) (Impressão de tela da *Série Clássica Cavaleiros do Zodíaco* e imagem colhida do site *Robo Laranja*¹⁷)

A princesa Andrômeda, que representa a constelação da armadura de bronze do personagem Shun de Andrômeda, é uma referência mitológica. Na adaptação, sua imagem favoreceu a cor rosa em sua caracterização e corpo. O tom de rosa claro, delicado, relaciona-se com a ideia de qualidades como sensibilidade e passividade, que podem ser deduzidas através da versão do mito que é apresentada na série: a princesa aceita com abnegação o legado de ter que sacrificar-se pela paz em seu reino. Na série, Shun está destinado ao mesmo legado que a princesa. Seu lado emocional se sobressai em relação ao seu lado racional: o personagem se expõe diversas vezes à morte, por acreditar que há bondade em seu inimigo, preferindo morrer a feri-lo.

Seus poderes envolvem as correntes presas à sua armadura de bronze, chamadas correntes de Andrômeda. Na história seu poder é descrito como o “perfeito

¹⁶Segundo a Mitologia Grega, a fúria do Deus Poseidon foi desencadeada após a Rainha Cassiopéia (mãe da princesa Andrômeda) ter comparado a beleza da filha à beleza das Nereidas (filhas do deus Poseidon). No mito, quando a princesa estava quase morrendo ela foi salva pelo semideus Perseu e assim Zeus homenageou-a pelo seu ato de bravura e deu seu nome à constelação de Andrômeda.

¹⁷ Disponível em: <<http://www.robolaranja.com.br/cinco-cenas-proibidas-de-cavaleiros-zodiaco>> Acesso em: 07/12/2015.

equilíbrio entre o ataque e a defesa”. A personalidade do cavaleiro é pacífica e amorosa. É um personagem que dificilmente expressa sentimento de raiva e que está sempre preocupado com o bem-estar dos companheiros. Shun de Andrômeda é um guerreiro que prefere não brigar e tenta resolver os conflitos através do diálogo. Frequentemente, é muito emotivo e dependente de Ikki, cuja personalidade é oposta à de Shun.

Shun ocupa a função de personagem redonda¹⁸, que envolve o telespectador com sua personalidade, em muitos momentos antagônica à dos demais cavaleiros. Como a sua armadura homenageia a princesa Andrômeda, a caracterização de Shun se dá por meio de uma armadura cor de rosa, com o formato de seios no peitoral. Suas feições são dúbias, e em muitos episódios confundidas com as de uma mulher. No Episódio 15 (*O Segredo de Fenix*) o irmão de Shun, Ikki, tem uma miragem e vê na namorada, Esmeralda, a imagem do irmão:

Figura 5: Cena em que Ikki confunde a sua namorada, Esmeralda, com seu irmão mais novo, Shun. (Impressão de tela da *Série Clássica Cavaleiros do Zodíaco*)



Ikki: Shun...? Ah, é você. Esmeralda?

Esmeralda: Sim, você está bem, Ikki? Você me confundiu de novo com o seu irmão, não foi isso?

Ikki: Sim, exceto pela cor do seu cabelo e pelo fato de que é uma mulher, vocês dois são exatamente iguais.

Como se pode observar, há uma intenção clara do autor em apontar uma ambiguidade no personagem, ao sugerir que o que diferencia os personagens Shun e

¹⁸ Segundo Brait (1985) “as personagens classificadas como redondas, por sua vez, são aquelas definidas por sua complexidade, apresentando várias qualidades ou tendências, surpreendendo convincentemente o leitor. São dinâmicas, são multifacetadas, constituindo imagens totais e, ao mesmo tempo, muito particulares do ser humano” (1985, p. 41).

Esmeralda é a cor do cabelo, especialmente quando Ikki utiliza a expressão “exceto”. É possível subentender que há mais identificações entre Shun e Esmeralda do que diferenciações, mesmo que eles tenham sexos biológicos e gêneros diferentes.

Outra cena em que a atuação do personagem se destaca se dá no episódio 59 (*Hyoga volta à vida*), onde o cavaleiro de bronze Hyoga de Cisne é encontrado congelado em meio às batalhas no santuário, e Shun intervém para salvá-lo da morte, aquecendo seu corpo com o calor do seu cosmos¹⁹.



Figura 6: Cena em que Shun faz conchinha no cavaleiro Hyoga para aquecê-lo e ajudá-lo a recuperar sua energia. (Impressão de tela da *Série Clássica Cavaleiros do Zodíaco*)

A cena referente à figura 6 sugere uma interpretação sexualizada, pela posição em que estão os corpos de Hyoga de Cisne e Shun de Andrômeda. Naquele momento, Shun estava tentando salvar o amigo, aquecendo seu corpo que estava congelado. A sombra rosa que se faz no entorno dos personagens representa o cosmos de Shun, entretanto causa estranhamento pelo formato circular remeter à imagem popular de uma cama de motel. Em um momento posterior em que a cena acontece, o cavaleiro de bronze, Seiya, lembra o ato de Shun atribuindo-lhe características como bravura e heroísmo.

Embora a série narre histórias de luta, a emotividade dos personagens é enfatizada, sugerindo que a vitória de um cavaleiro é sempre conquistada a partir de uma síntese entre sofrimento, força, técnica e inteligência (WAGNER e BONIN, 2008) e caracterizada por elementos que combinam feições delicadas e expressivas com armaduras de representações mitológicas que priorizam elementos femininos, incluindo a cor rosa.

¹⁹ Na série, “cosmos” é o termo utilizado para se referir à energia dos personagens.

As características ambíguas dos personagens no que se refere à caracterização visual e corporal tornou-se polêmica entre o público do anime. O produtor parece ter denunciado o declínio das velhas ideologias culturais de gênero e o caráter instável do conceito de identidade confirmando, conforme Hall (1992) que o sujeito é composto por várias identidades, contraditórias, instáveis e em permanente transformação.

A obra também permite perceber o que propõe Butler (2015) sobre o gênero como construção cultural, produto de um corpo anatômico no qual se inscrevem significados culturais e, portanto, passível de sofrer constantemente a influência de representações contemporâneas. A sexualidade, a identidade e o gênero são produtos da inconstância e, embora carregadas de referências históricas e culturais, se adaptam continuamente ao meio (LOURO, 2015).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao priorizar uma análise baseada nos Estudos Culturais e nos Estudos de Gênero, o presente trabalho não contemplou uma investigação aprofundada dos aspectos psicológicos dos personagens, que seria extremamente rica na concepção de personagem redonda, complexa e intrigante como se apresentam os heróis da série. O significado mitológico subjacente à série também não foi abordado por exceder os limites desse estudo.

Entretanto, a série *Cavaleiros do Zodíaco* forneceu subsídios para um olhar inicial sobre múltiplas vertentes relativas aos temas identidade, gênero e sexualidade. O estudo possibilitou considerar a obra como um produto da cultura popular massiva que se diferencia no modo como concebe alguns personagens. De um lado, apresenta numa narrativa de aventura voltada ao público jovem masculino alguns heróis construídos com qualidades associadas ao feminino, que priorizam a sensibilidade e delicadeza em lugar da força. Do outro, apresenta personagens com comportamentos associados pelo senso comum ao masculino (violência, crueldade, força física), porém com traços físicos feminilizados.

A série propagou-se no mundo ocidental promovendo identificações com a transmissão de ideais e modelos e assim contribuindo para a produção de novas subjetividades. Os personagens analisados e os episódios nos quais o estudo se baseou são um recorte do contexto mais amplo do anime, que inclui no todo mais de

100 cavaleiros, cuja missão é proteger a humanidade de ameaças malignas, sustentando um ideal de nobreza e bravura.

Ao atribuir diferentes nacionalidades aos personagens (os três analisados são da Suécia, Japão e França) e se passar em vários países, com referência nítida à Grécia, o berço da civilização, Cavaleiros do Zodíaco nos convoca a pensar nessas diferentes conformações genérico-sexuais não como um fenômeno exclusivamente oriental ou ocidental, mas universal, apresentando-nos outros corpos, distintos das formações discursivas convencionais, e instigando o questionamento sobre outros temas afins, como androginia e bissexualidade.

No entanto, embora o anime tenha causado polêmica justamente por impactar um público jovem masculino e provocar dúvidas sobre a possível homossexualidade de alguns dos personagens, todos os heróis masculinos são identificados como heterossexuais, conforme Wagner e Bonin (2008).

O anime sugere um tipo de masculinidade em que, para vencer, é necessário mais do que ousadia, mas uma complexa rede subjetiva de valores que incluem a fragilidade e de certo modo a passividade, o diálogo e o equilíbrio emocional, expressos em especial no personagem Shun. Tais valores sugerem o modelo de um homem com qualidades mais femininas que priorizam a afetividade, a solidariedade e a transformação da agressividade em proatividade. Em tempos de transformações de determinadas identidades e de reafirmação também de algumas, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, ganham espaço a abertura, a diversidade e o reconhecimento das diferenças como produção cultural, apontando, conforme Hall (1992) para a ausência de unificação do sujeito moderno.

REFERÊNCIAS

- BRAIT, B. **A personagem**. São Paulo: Ática, 1985.
- BUTLER, J. **Problemas de Gênero**. Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- ECO, U. A inovação no seriado. In: **Sobre os espelhos e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.
- FARIA, N., NOBRE, M. **Gênero e desigualdade**. São Paulo: SOF, 1997.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1992.
- JOLY, M. **Introdução à análise da imagem**. São Paulo: Papirus, 1994.

BRAGA JÚNIOR, A. **Análise Sociológica e Estética Midiática**: Reflexões sobre a Aparência e os Impactos das Histórias em Quadrinhos Japonesas. 2011. Disponível em: <http://www.historiaimagem.com.br/edicao12abril2011/esteticamanga.pdf> (Acesso em 30/11/2015)

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação**. Uma perspectiva pós-estruturalista. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

_____. **Um corpo estranho**. Ensaio sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

SCHMALTZ NETO, G. **O corpo andrógino na cultura pop japonesa**: resistindo à resistência. 2013. Disponível em <http://revistas.pucsp.br/index.php/verbum/article/view/15891/12875> (Acesso em 30/11/2015).

PAES, M. H. R. Cara ou coroa: uma provocação sobre educação para índios. **Revista Brasileira de Educação**, no. 23, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-24782003000200007&script=sci_arttext> (Acesso em 08/10/2015).

PERET, Eduardo. **Percepções da Sexualidade**: Anime e Mangá. S/d. Disponível em: http://www.elo.uerj.br/pdfs/ELO_Ed4_Artigo_animemanga.pdf (Acesso em 30/11/2015)

SANTAELLA, L., NÖTH, W. **Imagem**: cognição, semiótica, mídia. São Paulo: Iluminuras, 1998.

SZEZECINSKI, A., ALMEIDA, G. A cultura da mídia como espaço de disputa por diversidade e representações positivas: o apelo feminista das séries Supergirl e Agente Carter. Anais do 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom. São Paulo: Intercom, 2017. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-1333-1.pdf>.

ZAGO, L. F. **Os meninos**. Corpo, gênero e sexualidade em e através de um site de relacionamentos. 2013. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/70594/000878105.pdf?sequence=1>> (Acesso em: 15 /11/2015)

WAGNER, I., BONIN, I. **Educação em animês**: Os Cavaleiros do Zodíaco ensinando sobre masculinidades. 2008. Disponível em: <http://guaiba.ulbra.br/seminario/eventos/2008/artigos/pedagogia/329.pdf> (Acesso em: 30/11/2015.)

Submissão do artigo: 28/05/2018.

Parecer de aprovação: 03/06/2018.